

Jornalismo no “país da periferia”: noticiabilidade, ambivalência e liminaridade¹

Ada Cristina Machado da Silveira
Clarissa Schwartz
Isabel Padilha Guimarães

Introdução

Anecessidade de problematizar as condições de produção e circulação da naratividade jornalística frente ao novo bloco econômico integrado pelo Brasil, como os BRICS que, junto à Rússia, Índia e África do Sul, encaminham a refletir sobre uma possível redistribuição da geopolítica da informação jornalística em âmbito global. Reconsiderar a concepção eurocêntrica que organiza nossos padrões de noticiabilidade requer estudar o processo de nomear que constrói relações sujeito-objeto e cria proximidades, pertencimentos, reconhecimentos, os quais são organizados à medida de sua sedimentação na linguagem.

Como desconstruir, dentro da estrutura da mídia de referência, as imagens ideológicas da experiência organizada pela perspectiva das classes dominantes? Como escapar da armadilha reificadora do jornalismo? Como superar a indiferença histórica e os preconceitos de classe encarnados pelo jornalismo acerca dos problemas das classes populares no Brasil? Como romper com o texto cultural estabelecido por grandes organizações de notícias que nomeia experiências e expectativas da ordem informativa consagrada em base a estereótipos?

O artigo analisa a busca da mídia de referência de superação de suas próprias limitações ao tentar aproximar-se do que tem sido definido como público “classe C”, habitante especialmente das periferias metropolitanas. Nossa reflexão tenta perceber até que ponto o propósito de internalização da alteridade nas novas formas narrativas jornalísticas de televisão é perseguido com êxito.

A cobertura jornalística e a ralé

Recordemos inicialmente que o debate sobre as relações centro x periferia teve na teoria da dependência de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto (1969) uma referência conhecida. Quando ocupou o cargo de ministro da Fazenda e, posteriormente, duas vezes presidente da República Federativa do Brasil, Cardoso se consagraria pela estabilidade econômica alcançada. Seria, no entanto, nos governos de Luís Inácio Lula da Silva que expressiva parcela da população brasileira sairia da condição de pobreza.

O sociólogo Jessé de Souza (2015) ao enfrentar o longo debate sobre as relações centro x periferia questiona a noção de que a ampliação do mercado de consumo do Brasil teria gerado uma nova classe social, a denominada “classe C”. Afirma ele: “A `ralé`, como chamo provocativamente essa classe de infelizes e desesperados, num país que nega, esconde e eufemiza todos os seus conflitos e problemas, nunca foi, na verdade, percebida como uma ‘classe social’ entre nós” (Souza, 2015, on-line...).

Historicamente identificada como marginal, apreciadora de padrões estéticos específicos, seus habitantes são conhecidos pelo termo pejorativo de “ralé”, designação da escória social e marca da profunda divisão de classes da sociedade brasileira.

A importância de mostrar um “ponto de vista diferente daquele que identifica a periferia como o depósito daquilo que o centro não quis” (Souza, 2012: 118) levou o autor a apontar que: “Desde o início dos 1990, vem sendo construído pelos meios de comunicação de maior abrangência no país um imaginário dos espaços periféricos brasileiros como lugares exclusivos de violência e exclusão” (Souza, 2012: 116).

Reconhecida pelos especialistas de mercado, a denominada “classe C” emergiu no cenário de consumo como a meta dos produtos midiáticos e seus patrocinadores dado seu valor numérico, que beira a casa dos 50 milhões de consumidores recém incorporados. Apropriando-nos dos termos provocativos de Souza (2015), indagamos como se dá a metamorfose de um jornalismo sobre a ralé para um jornalismo para a ralé:

A fragmentação da percepção da realidade social é a forma por excelência de cegar as pessoas e torná-las tolas. Por conta disso todos os grandes jornais e todas as grandes cadeias de TV fragmentam – como veículo da reprodução de todos os privilégios injustos – seu conteúdo de modo a amesquinhar reflexão à informação descontextualizada (Souza, 2015, on-line...).

A crise da mídia de referência enquanto modelo de negócio que implica em estrutura de produção de notícias frente à emergência das mídias sociais. Os brasileiros, que possuem 138 celulares para cada 100 habitantes (Anatel, 2015, on-line...), são também campeões das redes sociais (Chao, 2013). O contexto conduz

à exploração da periferia brasileira ser tomada como o lugar simbólico “dos mais pobres” na dinâmica social do século XXI, sustentando as assimetrias de poder, dominação e desigualdade social.

No jornalismo, uma análise da revista *Veja*, conforme observaram Schwartz et al. (2015), houve um processo entre 2001 e 2014 que transfigurou a representação do que então se denominava de “cinturões de miséria”, convertidos em “exército de consumidores”. No cenário alternativo pode-se observar outro movimento através de grupos independentes oriundos das periferias que narram sua própria comunidade. Ao comparar as reportagens observa-se uma intitulada “A explosão da periferia” (2001) que trata da tragédia brasileira em torno das metrópoles. A matéria aponta a migração acelerada da população do campo para as cidades como o principal fator desencadeador da “explosão da periferia”. *Veja* depois publicaria a matéria “Oi Brasil, estamos aqui!” (2014). O “país da periferia” torna-se visível a partir do poder de compra conquistado pelos moradores em função do aumento da renda, da facilidade de crédito, da estabilidade da moeda e de políticas sociais de redução da pobreza.

Análise de três projetos jornalísticos

Considerando o contexto de distintos atores promovendo aproximações com a periferia, elegemos seis produções audiovisuais que contemplam pontos de vista externos e internos da periferia para compor nosso objeto empírico de análise (Quadro 1). Selecionamos produções de veículos televisivos nacionais, regionais e locais. Todas as produções abordam a mesma comunidade: o Bairro Restinga, na zona sul de Porto Alegre. Os três projetos de cobertura telejornalística apresentados no Quadro 1 são diversificadas e envolvem redes muito maiores do que aquelas a que os estudos de jornalismo têm se dedicado ao focar-se nas redações (Deuze e Witschge, 2015).

Quadro I – Produções audiovisuais analisadas

Vídeo	Assunto	Repórter	Emissora	Data	Tempo
1. Episódio de Conexões Urbanas	História e cotidiano da Restinga	José Júnior	Canal por assinatura Multishow	02/12/12	7'17"
2. Reportagem: Meu Bairro, meu mundo (Jornal do Almoço)	História e cotidiano da Restinga	Regina Lima	TV aberta RBS TV	05/04/13	5'52"
3. Reportagem (Jornal do Almoço)	Crimes na Restinga	Manoel Soares	TV aberta RBS TV	28/04/14	3'06"
4. Entrevista	Entrevista com Manoel Soares	Sandro Reis	Canal on-line TV Restinga	22/02/12	7'41"
5. Entrevista	Entrevista com José Júnior	Márcio Figueira	Canal on-line TV Restinga	04/12/12	21'31"
6. Reportagem	Entrega de casas populares	Márcio Figueira	Canal on-line TV Restinga	17/06/15	2'27"

Fonte: as autoras

A jornalista Regina Lima (vídeo n. 2) desenvolve um perfil de simpatia com os entrevistados através da TV aberta. O Jornal do Almoço é um telejornal produzido pela rede de emissoras de TV aberta Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, e vai ao ar às 12 horas de segunda-feira a sábado.

Sandro Reis e Márcio Figueira (vídeos n. 4 e 5), colaboradores da TV Restinga, radicalizam por uma proposta renovadora dos códigos jornalísticos num canal comunitário via web. Criada em novembro de 2011, a TV Restinga aborda assuntos como saúde, educação, lazer, cultura, segurança pública, ações sociais, além de reivindicações de seus moradores e já ultrapassou a marca de três milhões de visualizações no seu site e mais de 500 mil visualizações de seus vídeos no canal do Youtube (TV Restinga, 2015, on-line...).

Consideramos, no entanto, que o maior desafio provém da postura desenvolvida por Manoel Soares e por José Junior (vídeos n. 1 e 3). Eles buscam construir a

passagem de uma condição de invisibilidade social dos moradores de periferia a uma situação estruturalmente visibilizada pela mídia de referência, através de prestigiosas emissoras de TV aberta (de alcance regional) e por assinatura (de alcance nacional). Ao tirá-los da penumbra social, os dois repórteres os iluminam com projetos poderosos que os catalogam no diversificado panorama midiático.

Indagar se os protagonistas das matérias jornalísticas efetivam os valores de sua identidade social, quer como jornalista profissional, quer como militantes populares de periferia na construção da identidade discursiva das matérias jornalísticas produzidas, requer observar relações pertinentes à competência representacional, bem como as repercussões sobre a noticiabilidade que caracteriza os programas. As novas práticas mostram o que o jornalismo é, ou o que ele está se tornando, contra o privilégio que consiste no estudo de rotinas e formas padronizadas de produzir notícias (Deuze e Witschge, 2015).

O Outro conhecendo a Restinga

O programa Conexões Urbanas começou a ser exibido em 2008 e é produzido e dirigido pela produtora de audiovisual do coletivo AfroReggae, Organização Não-Governamental fundada em 1993 na cidade do Rio de Janeiro. Ela busca a promoção social de jovens de camadas populares e tem como principais temas a sustentabilidade, tecnologia social, cidadania e paz. O programa é dirigido e apresentado por José Júnior, fundador e coordenador executivo do grupo cultural, atuando com projetos artísticos e outros programas de televisão veiculados também pelo canal por assinatura Multishow da GloboSat, como Papo de Polícia e Paixão Bandida (AfroReggae, 2015, on-line...).

Considerando a diversidade cultural brasileira, é importante ponderar que José Júnior apresenta-se como um Outro, ainda que próximo e simpático, que circula pela Restinga para conhecer o local (vídeo n. 1), apesar de trabalhar com comunidades da periferia. O episódio “Restinga” inicia com uma chamada que busca defini-la:

Uma vila forjada na década de 40. Uma cidade dentro de outra cidade. Mais de cem mil habitantes que lutam diariamente para conquistar um lugar ao sol. Superar as adversidades comuns aos grandes centros urbanos. E fazer da Restinga um bairro cada vez melhor para se viver (Conexões Urbanas, 2012).

O texto da chamada define a Restinga como “vila”, “cidade” e “bairro”. A reportagem inicia com uma pergunta: “A Restinga é a maior favela do sul?”. Membros da TV Restinga respondem que a Grande Restinga é formada por 28 vilas e referências polêmicas ao quantitativo de habitantes. José Júnior conclui: “Então é uma das maiores favelas do Brasil”. Nota-se a desconformidade na designação da-

quele espaço. Na região Sul do Brasil, o termo favela não é usual para a nomeação de bairros periféricos. Esse aspecto é saliente em duas das reportagens analisadas. Elas têm como objetivo relatar o que é o Bairro Restinga e seu discurso evidencia que os repórteres não possuem relação pessoal com o local.

A Restinga é um dos maiores bairros da capital gaúcha, com 60.729 habitantes. Representa 4,31% da população do município, com área total de 38,56 km². Sua densidade demográfica é de 1.574,92 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 4,03% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,10 salários mínimos. Conta com sistema de transporte, telefones, posto de saúde e instituições de ensino, sendo considerado um núcleo urbano autossuficiente dentro de Porto Alegre. A palavra “restinga” significa “pequeno arroio com as margens cobertas de mato e sanga”, correspondendo às características do local no início de sua ocupação, em meados de 1965. Devido ao aumento da população, que cresceu três vezes além do esperado inicialmente, a comunidade se tornou bairro oficial via Lei n^o 6571 de 1990, conforme dados do Observa POA (2015, on-line...).

Rosa (2015: 33) aponta para a perspectiva de que as dificuldades de classificação e conceituação de espaços articulam-se com as disputas sociais em torno de suas representações: “Nesse contexto de disputas de significados, prevalecem, no senso comum, as figurações de homogeneidade que associam pobreza, ilegalidade e violência e reproduzem representações que tomam ‘a favela’ e ‘a periferia’ como ‘lugares por excelência da exclusão social’”. A autora alerta para o fato desses conceitos se proliferarem “no imaginário social de forma mais vasta do que no próprio espaço urbano”, transformando-se em rótulo que se associa a determinados espaços. Conforme pesquisa realizada pela autora, “favela, bairro, periferia, comunidade, vila são alguns dos termos acionados de forma polissêmica e, muitas vezes, ambígua por esses diversos atores, dependendo do contexto e do momento em que se encontram” (Rosa, 2015: 33).

Convém recordar que, em sua origem, há outros matizes:

O conceito de periferia foi forjado de uma leitura da cidade surgida de um desenvolvimento urbano que se deu a partir dos anos 1980. Esse modelo de desenvolvimento privou as faixas de menor renda de condições básicas de urbanidade e de inserção efetiva à cidade. Essa talvez seja sua principal característica, migrada de uma ideia geográfica, dos loteamentos distantes do centro. Mas é preciso lembrar que a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização. Hoje há condomínios de alta renda em áreas periféricas que, claro, não podem ser considerados da mesma forma que seu entorno, assim como há periferias em áreas nobres da cidade (Rolnik, 2010, on-line...).

Atentando para as reportagens, a do vídeo n. 1 valoriza o depoimento de jogadores de futebol que têm relação com a Restinga e Claiton Santos procura distingui-la das periferias cariocas: “É diferente do Rio, é diferente das favelas, porque a ‘Tinga’ é um lugar de ter vida própria, de ter seu próprio banco (...) tu consegue viver sem sair da Restinga (...) eu acho que isso aí é interessante”. O jogador Tinga, que nasceu na comunidade, comenta que sempre é indagado sobre a origem de seu nome: “E aí, é onde entra aquele orgulho assim, satisfação, melhor coisa é responder essa pergunta”. O líder comunitário Nelson da Silva contextualiza que a criação da comunidade representou para os moradores um processo de exclusão social.

Na época do governo militar eles criaram um slogan assim: remover para promover. Na realidade era tirar o pessoal pobre que moravam [sic] no centro, mais próximo aos seus locais de trabalho e deslocar o mais longe possível, criando lá os edifícios e as moradias para o pessoal mais abastado em matéria de dinheiro (Conexões Urbanas, 2012)

José Júnior questiona o fundador da TV Restinga, Márcio Figueira, sobre a relação da comunidade com o poder público e também sobre a infraestrutura do bairro. O entrevistado afirma que os investimentos do poder público não acompanham o crescimento populacional da comunidade. O repórter faz uma terceira indagação: “O que é a TV Restinga”?

Acho que infelizmente [a Restinga] é vista, por fora, até então, como um bairro perigoso, só marginais, e a gente tá mostrando que não. Temos problemas como em todo o lugar, com o tráfico, com saneamento básico, creches faltando, mas também temos um desenvolvimento social muito grande acontecendo aqui (Conexões Urbanas, 2012).

A reportagem “Meu Bairro. Meu mundo” (vídeo n. 2) foi apresentado pela jornalista Regina Lima, repórter especial do Jornal do Almoço da RBS TV (Cf. Diário Gaúcho, 2012). A cabeça da reportagem destaca que a Restinga é mais um dos destinos do programa. A repórter entra em um ônibus, pede uma carona ao motorista para a Restinga e no trajeto conversa com dois moradores, que não são nomeados, reiterando o ignorar a identidade das fontes. A reportagem também resgata imagens e informações de arquivo sobre a criação do bairro que vão de encontro ao depoimento do líder comunitário ouvido pelo programa Conexões Urbanas. Enquanto o morador da Restinga destaca a exclusão que envolveu a transferência dos moradores, o trecho resgatado pela reportagem ressalta a criação de bairro de forma positiva, sem problematizar o deslocamento das famílias promovido pelo governo da época.

Numa operação sem precedentes, todas as malocas são removidas da antiga zona da ilha e reconstruídas na Vila da Restinga. Vila da Restinga, vida nova para 700 famílias, ruas largas, muito espaço, habitações melhoradas, muitas reconstruídas, outras inteiramente novas. Enquanto a criançada brinca livremente nas grandes áreas de recreação e nas largas calçadas, os funcionários do departamento municipal de habitação prosseguem seu trabalho para dar nova dimensão social ao núcleo da Restinga (Jornal do Almoço, 2013).

A reportagem do vídeo n. 2 destaca ainda que o bairro oferece muitos serviços: “Com uma população de mais de 50 mil habitantes, o bairro tem vida própria. Aqui tem posto de saúde, bancos, supermercado, comércio intenso e até um fórum”. Imagens aéreas e 17 entrevistas – todas sem identificação – abordam como é viver na Restinga. Três dos entrevistados reclamam de problemas de segurança, saúde e transporte, mas a reportagem não aprofunda nenhum desses aspectos e também não cobra posição dos órgãos oficiais.

As duas reportagens (vídeos n. 1 e 2) exploram diferentes lados da comunidade: enquanto José Júnior busca retratar uma periferia que tem os mesmos desafios das favelas cariocas – como problemas de infraestrutura e segurança – Regina Lima enfatiza aspectos da “periferia legal” (Bentes, 2007), apesar das reclamações de seus moradores. Observa-se que a representação da Restinga é contrastada com a do centro de Porto Alegre e com outras periferias. Rosa (2009: 15) aponta para a desmistificação da ideia de “homogeneização da periferia como território da pobreza”, identificando uma crescente heterogeneidade social nessas regiões, revelando situações distintas de pobreza urbana nas periferias.

Restingueiros e Tinguerreiros: o enunciador próximo

Relatar acontecimentos do Bairro Restinga é o objetivo de duas matérias analisadas (vídeos n. 3 e 6). Conforme o propósito do que se denomina de “jornalismo de periferia”, entende-se que a proximidade do enunciador deve estar construída de maneira marcante.

Em reportagem realizada na Restinga, Manoel Soares mostra suas melhores cartas. Negro, nascido na periferia de Salvador e coordenador executivo estadual da Central Única das Favelas (Cufa), ele se dedica a mostrar aspectos positivos das periferias e também realiza ações sociais que buscam a democracia da informação, os direitos humanos e a justiça social (Soares, 2015, on-line...). Com formação em comunicação social ele também é apresentador do programa Perifa, na Rádio Cidade FM e colunista do Diário Gaúcho, ademais de escrever artigos para o jornal Zero Hora, ele é o primeiro repórter da rede a enfatizar a tendência de aproximação com a periferia.

A cabeça da reportagem valoriza o enunciador: “O Manoel Soares foi até lá hoje pela manhã e conferiu de perto o que os moradores estão passando e o que eles estão sentindo”. A reportagem inicia com um dado: “Três mortes em menos de 20 minutos”. O repórter entrevista cinco moradores sobre a insegurança no bairro, que não são nomeados, sendo que apenas um preferiu não se identificar.

Observamos que se trata de uma notícia genérica sobre criminalidade. Como aponta Vaz (2006: 252): “é característico destas narrativas o fato de a vítima não ser individualizada e o motivo do crime ser menos importante, predominando a vitimização”. A identidade das vítimas não é recuperada pelo repórter. Jessé de Souza (2005) atenta que a classe social interfere na forma como as notícias de crimes são elaboradas:

Quando a vítima é de classe média, independentemente das “relações pessoais” dessas pessoas, a vítima adquire, como que por milagre, um nome, uma identidade, uma história de vida, e aí lamenta-se o nível de insegurança que “atinge a todos indistintamente”, e acompanha-se o drama individual daquela pessoa que “poderia ser qualquer um de nós” (Souza, 2005: 92).

O repórter Manoel Soares também repercute a questão da violência com alunos de uma escola e a Restinga é tomada como um “marcador de risco” (Vaz e Rony, 2008: 2), como mostra a reprodução a seguir:

E toda essa realidade que nós vimos lá fora gente, acaba repercutindo em sala de aula. Os professores precisam segurar a barra dos crimes que acontecem na comunidade e, por mais que pareça normal para essa realidade, a resposta que nós teremos dessa molecada aqui não é normal em nenhum lugar do mundo. Quem é que já viu uma pessoa morta na rua levanta a mão? [a maioria dos alunos levanta as mãos] Isso não tá certo, né? (Jornal do Almoço, 2014).

Analisando notícias de crimes na mídia carioca, Vaz e Rony (2008: 2) verificaram como depoimentos de vítimas diretas ou virtuais auxiliam a transformar os incidentes em incidências:

O privilégio nítido dado aos crimes cometidos por estranhos no espaço público com seleção aleatória de vítimas é modo de incitar a identificação da audiência com a vítima sob a lógica do medo. Embora esse privilégio seja forma de propor que esses tipos de crime podem acontecer com qualquer um, as notícias insistem em mostrar que eles podem acontecer novamente. No noticiário televisivo, a estratégia retórica mais utilizada é colocar uma vítima, direta ou virtual, comentando o sentido desse evento para a vida na cidade e, portanto, transformando o incidente em incidência (Vaz e Rony, 2008: 4-5).

Dados sobre apreensões de armas e munições são destacados pela reportagem durante uma entrevista com um tenente-coronel da Brigada Militar. A reportagem finaliza com uma frase do repórter que reforça que a maioria dos moradores da Restinga não tem envolvimento com o crime, mas atribui, simultaneamente, à comunidade a responsabilidade pela criminalidade em todo o município: “(...) menos de 10 por cento da comunidade é envolvida com o crime, ou seja, 90 por cento da Restinga é tão vítima quanto o resto de Porto Alegre”.

Nesse sentido, vale recordar o que Vaz e Rony (2008: 2) reiteram: “Implícita ou explicitamente, como na já costumeira representação do ‘mapa da violência’ que por vezes aparece nas páginas e telas dos meios de comunicação, essas notícias descrevem a cidade segundo o critério do risco de vitimização”. Na fala do repórter constata-se a percepção contrastada entre o bairro e o centro da cidade, a partir de uma espacialização da moral definida entre vítimas e agressores. A apropriação discursiva da condição de vítima domina o território da cidade, estendendo-se a mesma identidade de vítima a uma parte dos moradores da Restinga (Vaz, 2006) e promovendo a ambivalência discursiva.

A periferia mediada

O conjunto de matérias possibilita observar a construção da representação do bairro Restinga como espaço mediado. Uma reportagem da TV Restinga realizada durante a cobertura da conquista do bicampeonato do carnaval de Porto Alegre, em 2012, converte o repórter Manoel Soares em entrevistado (vídeo n. 4). Na abertura, o repórter Sandro Reis destaca a proximidade de Manoel com a comunidade: “Continuando aqui na Estado Maior, Manoel, ‘tinguerreiro’ também porque ele se declarou lá, que era da ‘tinga’ e pegou a bandeira [da escola de samba]”.

A menção à escola de samba também serve como referencial para a produção da identidade local. Gustavo Souza (2006: 10) se refere ao samba como unificador nacional, que une comunidades e é visto como salvacionista nas classes mais pobres. Ao mesmo tempo, a força da periferia está ligada às questões culturais, pois quebram barreiras geográficas ao se difundirem em outros pontos da cidade (Rolnik, 2010) como é o caso da Escola de Samba Estado Maior da Restinga. Nos trechos a seguir, o entrevistado marca o seu pertencimento à comunidade e promove a relação entre ser da Restinga e pertencer à escola de samba, não diferenciando estas atribuições.

A Estado Maior da Restinga é uma “escola de samba comunitária, com uma comunidade por trás. (...) Quando uma escola de samba como a Restinga ganha um título como esse contribui na hora que o menino vai arrumar um emprego sim. Que na hora que ele diz, sim eu sou da Restinga, o cara que é

o empregador já remete, ahhh, você é da escola de samba, você começa a criar referências positivas para a comunidade.

Eu fico muito feliz que a Restinga ela tá perdendo aquela referência de espaço de conflito que tinha anteriormente. Hoje a Restinga tá ganhando uma outra estética social. Não é à toa que há alguns anos eu tive o prazer de trazer o Central da Periferia pra cá, exatamente vislumbrando todo esse momento legal que a Restinga vive, que a Restinga é. Confesso a vocês, eu agora, depois de muito trabalho, tendo a possibilidade de pensar em comprar uma casa, e um dos lugares que eu tô pensando em comprar é aqui (...) vou virar restingueiro (TV Restinga, 2012).

Ambos se utilizam de gentílicos para qualificar a identificação de Manoel Soares com o bairro. Ao promover um programa de televisão de rede nacional na Restinga, marca a sua identidade como voz e incentivador da periferia; ao demonstrar sua torcida pela Escola de Samba do bairro ou o desejo por morar naquele local, marcando seu pertencimento.

O programa Central da Periferia da TV Globo era transmitido no primeiro sábado às 16h 45min de cada mês. Foram oito edições exibidas entre 08/04/2006 a 23/12/2006. Criado pela apresentadora Regina Casé, pelo antropólogo Hermano Vianna e pelo diretor Guel Arraes. Conforme a descrição do programa disponível no próprio site, “a ideia era colocar em debate a nova relação entre as produções culturais do centro e da periferia no país”. Em 19/09/2006 houve uma edição no bairro Restinga, com a presença de artistas locais (Memória Globo, 2013, on-line...). A experiência em algum sentido promoveu uma perspectiva aproveitada pelas mídias sociais, dado que a compreensão sobre o potencial das imagens e sua utilização fez com que o periférico passasse de personagem a realizador e contador de suas próprias histórias (Souza, 2010: 179).

A experiência da TV Restinga, conforme refletem Paim et al. (2012: 36), implica em deixar o anonimato e a invisibilidade para trás e ingressar em um novo lugar na sociedade midiaticizada com base em um *ethos* de periferia.

Em sua análise sobre as produções audiovisuais realizadas por moradores de periferias, Souza (2011: 227) destaca a composição de um olhar periférico introjetado. Acreditamos ser o exemplo da reportagem sobre entrega de moradias feita pela TV Restinga (vídeo n. 6). Um dos aspectos que mais chama a atenção é o fato de que, nas entrevistas, são os próprios entrevistados que seguram o microfone. Uma atitude que pretende dar um sentido de protagonismo às fontes, enquanto cabe ao repórter apenas a narração, além de ser a única matéria analisada em que todos estão nomeados.

Mesmo quando se trata de dar visibilidade a outro tipo de imagem da periferia, o enunciado inicial aborda as qualificações consideradas negativas para seguir em

direção inversa e apontar o que há de positivo no lugar. Ao mesmo tempo em que promove a identificação, ao proclamar-se “restingueiro”, o enunciador distingue-se como um porta-voz que promove a periferia. A atitude ambivalente condiz com a análise de Vaz (2006: 236): “a construção de um lugar como alteridade pode estar associada a uma diversidade de marcas de classificação, sendo que grande parte delas não têm relação alguma com quem nele mora”. Assim, a alteridade das favelas e das periferias hoje está vinculada à criminalidade “e é esse vínculo que serve de ponto de partida para a elaboração das relações de continuidade e descontinuidade entre presente e passado” (Vaz, 2006: 236).

Como Manoel Soares, José Júnior também foi entrevistado pela TV Restinga (vídeo n. 5) e ele explica porque a comunidade foi escolhida para ser tema do programa Conexões Urbanas:

Eu já tinha percebido que esse lugar aqui tinha muita semelhança com os grandes complexos do Rio de Janeiro, de favela, de periferia. Então é um lugar que já tinha marcado bastante porque eu via muita analogia e sinergia (...). A gente acha que a Restinga ela tem vida própria. Não é à toa que você não é um só um típico gaúcho, é um restingueiro. Então eu acho que a Restinga ela tem uma autoestima, ela uma identificação muito própria com o seu epicentro, com a sua comunidade, então pra nós, é algo que vale a pena, uma bandeira da própria comunidade, que no Rio tem muito isso em função do samba (TV Restinga, 2012).

José Júnior ainda afirma: “Eu quero dizer que eu também faço parte desse fã-clube de amigos da Restinga. Eu sou um restingueiro de longe”. Observamos que ele promove a alternância dos argumentos, ora promovendo a analogia com outra periferia, ora valorizando as particularidades do bairro da Restinga. Já o repórter Sandro Reis explica, durante a entrevista, os objetivos do canal comunitário:

A ideia nossa da TV Restinga é levar pra todo o planeta, se possível, a imagem que a Restinga é, tirando esse preconceito. Eu moro aqui há 37 anos e, infelizmente a Restinga tem esse preconceito de ser um bairro de conflito, um bairro de coisas ruins. E tu acabou [sic] de falar exatamente o ponto crítico do nosso projeto. É levar a Restinga sim, com essa cara que ela é. Essa cara que os meios de comunicação, infelizmente às vezes levam de forma errada (TV Restinga, 2012).

Nos exemplos notamos o propósito reiterado de superar a imagem da periferia como um lugar de conflito que se apresenta, incontornável. O repórter Manoel Soares busca um contraponto:

Obviamente quando ocorre um conflito dentro de um lugar a notícia é o conflito, a notícia não é a paz. (...) Por isso que a gente não pode entrar muitas vezes numa de demonizar os veículos de comunicação. Obviamente, você tem que também dar luz às coisas positivas. Não é fácil fazer o trabalho que a TV Restinga faz, não é fácil fazer o trabalho que às vezes eu tento fazer porque você não fala do avião que cai, mas você tem que falar da beleza, da complexidade que é você fazer um avião decolar (TV Restinga, 2012).

As posturas vão ao encontro do que Rosa (2009: 7) denomina de “chave de leitura da exclusão”, na qual se acentuam a interpretação das periferias a partir do que elas não têm: “Ausência de leis, ausência do Estado, ausência de direitos, ausência de cidadania, ausência de ordem, ausência de planejamento – em última instância, ausência de cidade propriamente dita” (Rosa, 2009: 7). A autora alerta que esta caracterização reforça velhas dicotomias como, por exemplo, centro/periferia, que, por contraste “acaba por se reproduzir em discursos midiáticos e informa o senso comum, alimentando a (re)produção de estereótipos e a interpretação homogeneizante de fenômenos tão complexos e diversos quanto as favelas e periferias urbanas” (Rosa, 2009: 7).

Considerações finais

Ao final, queremos avaliar nosso propósito de produzir uma reflexão sobre a noticiabilidade jornalística em sua relação com o debate centro x periferia. Trata-se, portanto, de reconhecer o valor como elemento constituinte de toda narratividade jornalística, aproximando-nos das considerações de que o conteúdo de “manuais, coletâneas e coleções canônicas” apontam antes para a característica rebelde da atividade jornalística: “É fundamental reconhecer que o suposto núcleo do jornalismo, bem como a consistência assumida do funcionamento interno das organizações de notícias é tudo menos consensual e não é necessariamente a norma” (Deuze e Witschge, 2015: 7).

O trajeto eleito conduziu-nos a indagar se a condição de proximidade do enunciador com temas de periferia interferiu no modo de condução das matérias. Teria sido ela que permitiu valorizar uma fonte oficial e desprezar a identidade pessoal de maior parte dos entrevistados ou foi a falta de preparo dos profissionais e colaboradores envolvidos na produção das matérias?

Romper com a dormência perceptiva e disseminar como novidade a experiência urbana das classes populares nos levou a indagar até que ponto é possível fazê-lo dentro das estruturas vinculadas à mídia de referência, como os noticiários de TV. Nossa análise apontou aspectos sobre a incorporação, ainda que de maneira super-

ficial e apenas amparada nas figuras de prestígio midiático e da militância popular de personalidades conhecidas: José Júnior e Manoel Soares. Suas atividades inovam ao convocar elementos tanto imaginários como instituídos mobilizadores de narrativas jornalísticas que buscam afetar novas audiências ou atender a subjetividades que se encontravam excluídas no enquadramento tradicional, dado seu caráter divergente.

Ligada à composição de um imaginário, há formas dominantes de organização do espaço da periferia e da relação estabelecida com a realidade a partir do conjunto de questões abordadas. Marcadas pelo mesmo estilo comunicativo dos repórteres de periferia, tanto as imagens veiculadas do Outro, como do Restingueiro, apontam para o compartilhamento de experiências e para a representação da periferia mediada. Observamos o surgimento de um estilo baseado no pertencimento ao imaginário do território e à periferia midiaticizada que, não obstante, pode ser percebida como uma só. O espaço vivido quando apropriado cultural e simbolicamente reforça as diferenças e projeta aproximações entre identidades territoriais referentes ao nacional, ao regional e ao local. Ao promover a relação entre espaços de referência identitária concretos, o bairro porto-alegrense da Restinga e as favelas do Rio de Janeiro, revelam-se nas narrativas analisadas aspectos ambivalentes.

O entre-lugar que marca as experiências do que denominamos “jornalismo de periferia” estabelece uma prática instalada num estar-entre a ambivalência e a liminaridade. Sua ambivalência explica-se frente à escassez de recursos que tais propostas possuem ao tratar de construir discursivamente aquilo que previamente está estabelecido como representação de identidade periférica. Já sua liminaridade aborda a passagem realizada frente à escassez de recursos que tais propostas possuem ao tratar de reconstruir discursivamente uma representação de identidade periférica em padrões não estigmatizantes. Uma empreitada que, para ser realizada, deve respeitar cânones consagrados por rotinas produtivas da atividade jornalística instituída e que instaura uma zona transitória que busca articular as margens que bordeiam a sociedade urbana brasileira.

Ada Cristina Machado da Silveira
Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
adac.machadosilveira@gmail.com

Clarissa Schwartz
Bolsista de estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
clarissaschwartz@yahoo.com.br

Isabel Padilha Guimarães
Bolsista de estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
isabelpadilha@yahoo.com.br

Recebido em agosto de 2015.

Aceito em novembro de 2015.

Nota

1. O artigo decorre de financiamento do projeto “Ambivalência de fronteiras e favelas na cobertura jornalística de periferias”, com recursos do edital CAPES PNPDI Institucional. Uma versão anterior do presente texto foi encaminhada ao XXXIX Congresso Nacional da Intercom, GT Geografias da Comunicação.

Referências

- AFROREGGAE. *Conexões Urbanas*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.afroreggae.org/conexoes-urbanas>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- _____. *Visão e manifesto*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.afroreggae.org/visao-manifesto>>. Acesso em: 21 jun. 2015.
- ANATEL. *Telefonia Móvel – Acessos*. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/dados/index.php?option=com_content&view=article&id=283> Acesso em 23 ago. 2015.
- BENTES, I. *O contraditório discurso da TV sobre a periferia* (2. fev.). Agência Jornal Brasil de Fato. Entrevista concedida a Dafne Melo, 2007.
- CARDOSO, F. H. e FALETTO, E. *Dependencia y desarrollo en América Latina: ensayo de interpretación sociológica*. México: Siglo XXI, 1969.
- CHAO, L. Brasileiros reinam nas redes sociais. *Valor Econômico*, n. 17, Ed. 733. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed733_brasileiros_reinam_nas_redes_sociais Acesso em: 8 mar. 2013.
- DEUZE, M. e WITSCHGE, T. Além do jornalismo. *Leituras do Jornalismo*, Bauru, v.2, n. 4, p. 1-15, jul-dez., 2015.
- DIÁRIO GAÚCHO. *No ar, a repórter Regina Lima*. Porto Alegre: Grupo RBS. 22 jul. 2012. Disponível em: <<http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2012/07/no-ar-a-reporter-regina-lima-3827212.html>>. Acesso em: 13 jul. 2015.
- MEMÓRIA GLOBO. *Central da Periferia*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/central-da-periferia/formato.htm>>. Acesso em: 01 jul. 2015.
- MULTISHOW. *Conexões urbanas*. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/multishow/conexoes-urbanas/t/todos-os-videos/v/ep13_restinga/2270260/>. Acesso em: 02 jul. 2015.
- OBSERVAPOA. *Restinga*. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regioes=93_0_0>. Acesso em: 06 jul. 2015.
- PAIM, D. et. al. A organização midiática de um ethos de periferia a partir de narrativas televisivas. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 36, p. 29-49, jan./jun. 2012.
- RBS TV. *Manoel Soares mostra o que os moradores estão passando no bairro Restinga em Porto Alegre*. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rbs-rs/jornal-do-almoco/v/manoel-soares-mostra-o-que-os-moradores-estao-passando-no-bairro-restinga-em-porto-alegre/3310154/>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

- _____. *Meu bairro, meu mundo*. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/em-meu-bairro-meu-mundo-regina-lima-visita-a-restinga/2500406/>>. Acesso em: 02 jul. 2015.
- ROLNIK, R. *Entrevista* [disponibilizada em 14 de junho de 2010, a Internet] 2010. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/>> Acesso em: 07 jul. 2015.
- ROSA, R. T. *Favelas, periferias: uma reflexão sobre conceitos e dicotomias*, 2009. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1767&Itemid=229> Acesso em: 07 jul. 2015.
- SCHWARTZ, C. et al. De cinturões de miséria a exército de consumidores. Evolução do narrar a periferia metropolitana no século XXI. In: 10º. Encontro Nacional de História da Mídia, Porto Alegre. *Anais...* 2015.
- SOARES, M. *Perfil Facebook*. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Manoel-Soares/397255577015664?sk=info&tab=page_info> Acesso em: 15 abr. 2015.
- SOUZA, G. Revendo as noções de periferia a partir do seu cinema. *Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, Florianópolis, v.11, n.98, p. 178-197, jan/jun. 2010.
- _____. *Culturas urbanas periféricas no documentário brasileiro: funk, hip-hop e samba*. Disponível em: < http://www.cult.ufba.br/enecul2006/gustavo_souza.pdf >. Acesso em: 06 jul. 2015.
- SOUZA, J. (Sub)cidadania e naturalização da desigualdade: um estudo sobre o imaginário social na modernidade periférica. *Política & Trabalho*, n. 22, p. 67-96, abr. 2005.
- _____. *Ralés, batalhadores e uma nova classe média*. Entrevista a IHU em 03 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/40345-rale-batalhadores-e-uma-nova-classe-media-entrevista-especial-com-jesse-de-souza>>. Acesso em 12 jul. 2015.
- VAZ, P. Da pobreza à barbárie: a mudança na imagem da favela no noticiário de crime. In: PRYSTHON, A. (Org.). *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e culturas contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- VAZ, P. e RONY, G. Experiência urbana e narrativas de crime. *E-compós*, Brasília, v.11, n.1, jan./abr. 2008.
- TV RESTINGA. *Quem somos*. Porto Alegre, 2015. Disponível em: < <http://www.tvrestinganaweb.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 06 jul. 2015.
- _____. *TV Restinga entrevista Manoel Soares da RBS*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9i0s4BQ3RCA>>. Acesso em: 02 jul. 2015.
- _____. *TV Restinga entrevista José Júnior*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aBuI6UZ1lnQ>>. Acesso em: 02 jul. 2015.
- _____. *Prefeitura entrega 24 novas moradias na Restinga*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Aq-VTJioeXg>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

Resumo

A crise da mídia de referência determinou a busca de superação de suas próprias limitações através da tentativa de aproximação do que tem sido definido como público “Classe C”, habitante da periferia metropolitana e provocativamente denominado de “ralé”. Nossa reflexão tenta perceber até que ponto a alteridade está internalizada nas narrativas jornalísticas de televisão que dele buscam aproximar-se ou se, por outra, ela é incorporada ainda de maneira superficial e apenas amparada no apelo de figuras midiáticas que atuam como repórteres. Ao estudar três projetos telejornalísticos distintos – em TV aberta, TV por assinatura e TV web –, indagamos até que nível estão incorporados os valores da identidade social de militantes populares de periferia na construção da identidade discursiva das matérias jornalísticas que protagonizam e que engendram um “jornalismo de periferia”. Nossos resultados apontam que as características noticiosas do entre-lugar engendrado transitam entre a ambivalência e a liminaridade.

Palavras-chave

Jornalismo. Periferia. Noticiabilidade. Ambivalência. Liminaridade.

Abstract

The reference media crisis has determined the search for overcoming their own limitations by trying to approach than has been defined as public “C Class”, inhabitant of the metropolitan periphery and provocatively called “rabble”. Our reflection attempts to realize the extent to which otherness is internalized in journalistic narratives of television that it seek to approach or if, on the other, it is still incorporated superficially and only bolstered the appeal of media figures who act as reporters. By studying three distinct TV journalistic projects – on broadcast television, TV subscription and web TV –, we ask to what extent are embodied the values of social identity of popular militants from the outskirts in the construction of discursive identity of newspaper articles which they are protagonists and resulting in a “outskirts of journalism”. Our results show that the news features in-between engendered move between ambivalence and liminality.

Keywords

Journalism. Periphery. Newsworthiness. Ambivalence. Liminality.